

Semanário 2008 6 de junho

Triste destino, o do “Palácio do Bacalhau”.

Prof. Doutor Mário Moutinho

Nunca o dito de Lewis Mumford, sem pensar nos museus, foi tão bem aplicado à realidade museológica em Portugal *“Os conservadores são pessimistas quanto ao futuro e optimistas quanto ao passado”* (Lewis Mumford)

Isto vem a propósito da ideia de Sá Fernandes, Vereador do Ambiente da Câmara de Lisboa, pretender que seja criado um Museu de África em Lisboa após ter visitado o recém inaugurado Museu do Oriente. É caso para dizer: «longe vá o agoiro»...

Na verdade estamos em presença de um novo Museu, instalado no antigo Palácio do Bacalhau em Alcântara, que já nasceu velho, à revelia da mais elementar referência àquilo que hoje em dia se pode e deve exigir de uma instituição museológica.

Trata-se de um museu claramente voltado para o passado, incluindo o próprio modelo Museológico em que assenta, mais próprio dos anos 30 do século passado, onde nada é dito ou sugerido que faça supor que o Museu olhará para o Oriente para lá da visão restrita da mostra de colecções, ou pior ainda, da simples exibição de objectos. Uma espécie de Museu Nacional de Etnologia (MNE), onde agonizam as colecções de artefactos, trocados, comprados ou pilhados ao longo de muitos anos, sem que se vislumbre o exercício de qualquer utilidade social.

Estamos no ano em que o Conselho Internacional dos Museus escolheu o tema «**Os museus como agentes da mudança social e do desenvolvimento**» para unir as instituições museológicas da Europa, África, Américas, Pacífico, Ásia... Como referiu Alissandra Cummins, presidente do ICOM, reafirmando a crescente função pedagógica e ética dos Museus: *“Ao mesmo tempo em que os museus são tradicionalmente conhecidos pelas suas colecções, cada vez mais, um numero crescente de museus assumem uma função verdadeiramente determinante na exposição das questões sociais que se colocam nas nossas comunidades com o objectivo de contribuir para o seu desenvolvimento.”*

Assim quando o Vereador fala de fazer um museu idêntico mas sobre a África à imagem do Museu do Oriente, isso significaria deixar de lado a necessária construção do diálogo (difícil) entre Portugal e as Ex-colónias, que tardam em ser reconhecidas como países independentes por sectores, provavelmente maioritários, da nossa sociedade.

Uma espécie de versão nova (que nem mesmo moderna) do MNE, onde em comum teriam apenas a impossibilidade da leitura das legendas, mantidas na obscuridade da simples falta de luz. E ainda bem, pois é melhor que não se leia o discurso autista das «civilizações que conservaram as suas crenças tradicionais...» ou dos “deuses” asiáticos comparados com «a nossa noção de Deus».

De pouca utilidade social tem assim o milhão de contos que custou só a exposição permanente e para a qual o Plano Operacional da Cultura contribuiu com 400 mil Contos (cerca de 5.000.000 e 1.900.000 € respectivamente)

Criar assim mais uma exposição permanente á revelia dos desafios (culturais, sociais e económicos) do mundo contemporâneo, não nos parece uma tarefa minimamente estimulante, nem exige certamente qualquer engenho e arte.

E no entanto, teria bastado que a Fundação do Oriente se tivesse informado dos contornos da museologia contemporânea: aberta, inclusiva, atenta ao mundo que lhe dá vida, ou seja uma museologia que tem por base os desafios da sociedade (do mundo globalizado) e não apenas a mostra de objectos (mesmo quando raros e bonitos).

Triste pois o destino do “Palácio do Bacalhau”, a menos que a Fundação Oriente venha a entender que o Museu do Oriente deve ser repensado como uma instituição museológica assente nos serviços que possa com razoabilidade prestar para o conhecimento e para a inclusão social.

Um museu que faça da capital portuguesa uma cidade onde a multiculturalidade (sem discursos autistas) seja cada vez mais uma realidade, como pretenderia Sá Fernandes. Um museu ao serviço do desenvolvimento do mundo onde estará inserido.

Mas claro está, trabalhar com problemas e desafios é bem difícil do que trabalhar com objectos.